

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

O CORAL, PELO ADOLESCENTE

The youth choral, by the teenager

*Patricia Costa

Mestre em Música pela UNIRIO e licenciada em Música pela mesma instituição. Ex-integrante do Coro Câmara Pro Arte, da Orquestra de Vozes Garganta Profunda e do Coro da Southern Illinois University (EUA). Regente, arranjadora e diretora cênica de corais desde 1993. Atualmente dirige corais dos colégios São Vicente de Paulo e Cruzeiro, e do projeto Novos Horizontes da Fundação Pró-Saber, além de ministrar os cursos de extensão universitária do Conservatório Brasileiro de Música, para a formação de regentes de coro infantil e juvenil.
E-mail: pccantocoral@gmail.com

Material recebido em fevereiro de 2009 e selecionado e abril de 2009

RESUMO

O presente artigo é um recorte de nossa dissertação de mestrado *Coro juvenil: por uma abordagem diferenciada*, defendida em julho de 2009, na UNIRIO (PPGM). Após discorrer sobre as singularidades do coro juvenil, contextualizando-o à luz dos estudos respaldados pela psicologia do adolescente, procuramos estabelecer – a partir da análise das respostas a um *blog* – pontos importantes que justifiquem a evasão ou a não adesão do adolescente à atividade coral, na atualidade. A nosso ver, o coro juvenil encontra-se muito prejudicado pelo preconceito e é constantemente identificado como atividade ultrapassada – e/ou sem atrativos – para essa faixa etária. Buscamos, através das respostas dos próprios jovens, entender o que estes pensam da atividade, no intuito de – posteriormente – traçar estratégias que possam estimular a aceitação do canto coletivo.

Palavras-Chave: Canto coral. Coro juvenil. Adolescente. Educação musical.

ABSTRACT

The present article is a clipping of my master dissertation "Youth choir: for a different approach", July 2009, UNIRIO (PPGM). After describing the singularities of the youth choir, fitting it under the light of studies endorsed by the psychology of the adolescent, I try to establish - from the analysis of the answers to a blog - important points that may justify the evasion or non-adhesion of the adolescent to the choral activity nowadays. In my opinion, the youth choir is badly affected by prejudice and is constantly identified as an old-fashioned activity - and/or without any attraction - for this age-group. By analyzing the teenagers' answers, I try to understand what they think of the activity, in the intention to - later on - trace strategies that may stimulate acceptance to group singing.

Keywords: Choral. Youth choir. Adolescent. Musical education.

INTRODUÇÃO

Com a iminente implantação da lei da obrigatoriedade de música

ca nas escolas brasileiras de ensino fundamental e médio, práticas músico-pedagógicas trazem possibilidades diversificadas de aplicação. O canto coral é uma dessas ferramentas e, no caso de adolescentes, uma atividade a ser descoberta sob um novo olhar, conforme busca o objetivo deste trabalho.

Entre os anos de 1992 e 1995 tivemos o privilégio de participar (como diretora cênica voluntária) do trabalho do grupo *Mãos em Canto*, constituído de professoras da educação infantil do Instituto de Nacional de Educação de Surdos (INES), cuja sensível concepção da junção de música a LIBRAS muito nos comoveu e divertiu como também emocionou plateias, tanto de ouvintes como de deficientes auditivos.

As sete professoras punham para tocar música gravada e exaustivamente ensaiada por elas com língua de sinais, proporcionando para nós, ouvintes, um lindo balé de mãos coreografadas e rigorosamente sincronizadas. Para seus alunos, a música pulsava na respiração, na poesia da letra, na vibração e na expressão facial e corporal do grupo; mas, sobretudo, a comuni-

cação se dava através do olhar que deixava transparecer o idealismo e a obstinação destas *não artistas*.

Jamais esqueceremos a enorme emoção ao dirigir uma apresentação pelo aniversário do Instituto, quando convidamos amigos percussionistas que se espalhassem com seus instrumentos pela plateia durante a execução da peça *O que é, o que é?* de Gonzaguinha. As professoras *cantaram* com suas mãos a música inteira (no palco) e, na repetição, os percussionistas assumiram a bateria ao vivo, juntando-se à da gravação. A plateia, lotada de alunos e professores, se levantou de súbito e dançou animadamente, arrebatada pela percussão tão presente. Um aluno da primeira fila, por volta dos seis anos de idade, sentou-se embaixo do surdo de marcação de um dos percussionistas, com uma expressão de perplexidade como quem, talvez, experimentasse aquela sensação pela primeira vez.

Por meio de nossas observações durante esse período, pudemos compreender a enorme necessidade de comunicação entre o mundo do ouvinte e o do deficiente, e o elemento facilitador que a música pode ser. O texto a seguir mostra também o adolescente num trabalho de grupo, que poderá ser fonte inspiradora para outras práticas envolvendo a faixa etária.

CORO JUVENIL

A literatura considera coro juvenil como a prática vocal em grupo de cantores a partir aproximadamente dos doze anos, por entender que antes dessa idade as caracterís-

ticas vocais pertencem ao universo do coro infantil (CARVALHO, 2007; LECK, 2001; OLIVEIRA, 1995; RAO, 1987; ROSA, 2006; SCHMELING, 1999).

Nessa fase ocorrem importantes mudanças fisiológicas e emocionais, inclusive modificações na produção vocal, quer no menino (em grau mais acentuado), quer na menina (menos evidente, mas não menos importante, nesse caso).

Embora os autores pesquisados afirmem não haver consenso quanto à idade correta para o início e o fim da adolescência (TAVARES, 2005; ABERASTURY, 1981; BERRYMAN, 2001; OLIVEIRA, 1995; RAPPAPORT, 1982; ZAGURY, 1997), para este trabalho foi utilizado o critério estabelecido pela Organização Mundial de Saúde (OMS), que considera adolescência o período entre 10 e 20 anos de idade, subdividido em dois grupos: (a) pré-adolescência, de dez a 12 anos; (b) adolescência, de 12 a 20 anos, (OLIVEIRA, 1995).

A adolescência, esse período de transição entre a infância e a idade adulta, é frequentemente dividida em fases que vão dos 11 aos 14, dos 13 aos 16 e dos 15 aos 21 anos aproximadamente (TAVARES, 2005). Dentro do já mencionado critério utilizado pela OMS para delimitar esse período da vida, essa divisão pode ser útil para o assunto deste trabalho, uma vez que auxilia o profissional que lida com esse grupo a estabelecer os critérios que deverão ser adotados para a utilização da voz cantada.

A expressão *coro juvenil* foi adotada para designar a prática de can-

tores adolescentes ou recém-saídos da adolescência, estendendo-se seu âmbito até aproximadamente os 22 anos de idade.

A atividade referida na pesquisa, embora tenha caráter pedagógico por ser desenvolvida em escolas e envolver adolescentes, buscou o aprimoramento musical e vocal dos participantes. Não há nesses coros a obrigação de cumprir-se uma programação curricular escolar, mas também não se trata de um grupo cujo objetivo se limite à *performance*.

Foram encontrados autores que afirmam ser o canto coral bastante difundido no Brasil. Vertamatti afirma:

[...] O coro é uma atividade que vem crescendo em escolas particulares, públicas e em outras instituições, como organizações não-governamentais, clubes, Prefeituras e organizações culturais em geral. Independentemente dos objetivos de seus criadores, sejam estes musicais, culturais ou quaisquer outros, a prática coral, de uma forma ou de outra, vem se tornando presente na vida do ser humano. (VERTAMATTI, 2008, p. 25)¹

Segundo Oliveira (1995, p. 4), “a atividade coral é bastante difundida no Brasil, caracterizando-se como um instrumento potencial de educação musical de crianças, adolescentes e adultos”.

Pereira (2006), embora com a ressalva de não poder apresentar dados concretos, também afirma haver indícios de um crescimento significativo de coros amadores no país, inclusive daqueles vinculados

¹ A autora restringiu sua pesquisa ao Estado de São Paulo.

ATUALIDADES EM ● ● ● ● ● ● ● ● ● ● EDUCAÇÃO

a escolas e universidades, onde se encontram jovens da faixa etária estudada.

Contudo, em nossa experiência com diversos coros juvenis em escolas particulares no Rio de Janeiro, ao longo de dezesseis anos de trabalho ininterrupto, foi constatado que, nos dias de hoje, grande parte dos adolescentes cariocas desconhece ou não se interessa pela prática coral. Tal ideia é corroborada por Oliveira (1995, p. 6), que, após ampla pesquisa de âmbito nacional, menciona o “pequeno número de coros de adolescentes”. Também Marcos Leite, entrevistado por Alfonzo (2004, p. 225), afirma: “[...] o coral escolar já era. O coral de escola tem cada vez um espaço menor”.

De acordo com nossas observações, é possível inferir que há atualmente um grande preconceito – por parte dos adolescentes cariocas em geral – em torno do canto em grupo. Tal preconceito se dá, primeiramente, pelo fato de que o modelo da atividade tradicional remete-nos ao canto orfeônico, à religiosidade da música sacra ou natalina, ou ao civismo dos hinos patrióticos. Além disso, o gosto da atividade pela faixa da terceira idade ou ainda a identificação como uma prática infantil, aliados à invisibilidade na mídia, em nada incentivam os jovens a perceberem no canto coral a possibilidade de veículo de expressão e prazer em sua faixa etária. Ainda, a forma ultrapassada de apresentação (uniformes pesados, nenhum contato dos cantores com a plateia, repertório distante do cotidiano deles), se somada aos argumentos anteriores, é uma explicação plausível para o distanciamento desse tipo de atividade do jovem urbano de hoje.

A musicalizadora e regente paulista Marisa Fonterrada, entrevistada por Alfonzo (2004, p. 206), afirma: “eu tenho muito medo de rotular de coro, porque o coro está muito cheio de vícios”.

Oliveira (1995, p. 6) afirma que “a prática coral com juvenis ocorre com a adaptação de repertório de coro adulto ou infantil”. É necessário compreendermos que coro juvenil não é um coro de *crianças que cresceram*; por conseguinte, o repertório deverá ser específico, bem como a sua linguagem. O estilo do coro naturalmente determinará o repertório a ser escolhido.

Na busca de uma estética diferenciada, muitos profissionais sentem-se perdidos, pois é clara a exigência, não só de um repertório que abarque as questões de fisiologia da voz, mas também que tenha uma imediata identificação do cantor com a proposta de comunicação daquilo que estará sendo cantado.

ADOLESCÊNCIA

Vários são os autores brasileiros e estrangeiros que descrevem essa passagem da vida (TAVARES, 2005; ABERASTURY, 1981; BERRYMAN, 2001; OLIVEIRA, 1995; RAPPAPORT, 1982; ZAGURY, 1997). Como esta pesquisa não se propõe discorrer sobre a adolescência em si, e, sim, contextualizar o público de coro juvenil, será feita uma síntese dos principais aspectos pesquisados, característicos dessa faixa etária, de acordo com uma revisão da literatura e com o foco voltado para nosso interesse, restrito à sociedade e à cultura ocidental.

A OMS, como já vimos, define

a adolescência como o período entre dez e vinte anos de idade, sendo chamado de pré-adolescência aquele que vai dos dez aos doze anos (OLIVEIRA, 1995). De acordo com Berryman (2001, p. 251), “a adolescência é normalmente pensada como um estágio de *transição* – que dura cerca de sete anos [...]” (grifo da autora).

Para esse estágio do desenvolvimento, foi encontrada uma subdivisão em três fases distintas, conforme Tavares:

[...] se distinguirmos nesta faixa etária, que se estende dos 11/12 aos 19/20 anos (e que na sociedade dos nossos dias tende a prolongar-se), uma *fase inicial* (puberdade ou pré-adolescência), uma *fase intermédia* (adolescência propriamente dita) e uma *fase final* (juventude), verificamos que em cada uma delas a idéia de transição determina profundamente a personalidade do adolescente. É por isso que as características dos adolescentes e os problemas que eles exteriorizam de um modo mais ou menos violento no seu comportamento dependem da natureza da transição que está a processar-se e da sua intensidade. (TAVARES, 2005, p. 39) (grifos do autor)

A puberdade, período de mudanças significativas que antecede a adolescência, também é descrita por alguns autores encontrados:

Para aqueles que consideram o início da adolescência vinculado a aspectos fisiológicos, a puberdade demarca o fim das mudanças fisiológicas que começam em torno dos dez anos e meio. Esse

início se dá, segundo tal visão, em face das importantes influências do desenvolvimento físico nos aspectos emocionais, justificando assim seu início com a explosão pré-puberal. (OLIVEIRA, 1995, p. 1)

Oliveira (1995, p. 9) ainda informa que “a puberdade estabelece o início do período identificado como adolescência, que se constitui em um processo basicamente fisiológico, psicológico, social e cultural”.

Zagury, por sua vez, acrescenta que:

[...] o crescimento estatural pode se prolongar, em ambos os sexos, até os dezenove, vinte anos. Ou mesmo, em alguns casos, até os 21. Mas torna-se mais lento: um ou poucos centímetros a cada ano, ao contrário da fase da puberdade, em que o crescimento é muito visível. (ZAGURY, 1997, p. 25)

Ainda a mesma autora:

[...] as mudanças corporais que ocorrem nesta fase são universais, com algumas variações, enquanto as psicológicas e de relações variam de cultura para cultura, de grupo para grupo e até entre indivíduos de um mesmo grupo. (ZAGURY, 1997, p. 24)

Berryman (2001, p. 260) observa que “a auto-imagem é uma representação do seu corpo, de como ele é e que aparência tem para os outros”. Tendo o adolescente um crescimento repentino e desigual, não surpreende a sensação de estranheza comum aos meninos e meninas nessa fase, conforme observa Rappaport:

[...] os membros se alongam, o corpo emagrece, os ângulos se salientam. A mudança quase que brusca não permite uma adaptação harmônica dos processos. O adolescente não só se sente desajeitado, como é desajeitado. (RAPPAPORT, 1982, p. 16)

Aberastury (1981, p. 88) volta sua atenção para os aspectos emocionais a partir das mudanças na adolescência, afirmando que “a psicologia, a psiquiatria e a psicanálise tentaram compreender e descrever o significado desta crise do crescimento que é acompanhada de tanto sofrimento, de tanta contradição e de tanta confusão”. A autora define a adolescência como “um período de contradições, confuso, ambivalente, doloroso, caracterizado por fricções com o meio familiar e social” (Id., 1981, p. 13). E prossegue:

[...] as mudanças psicológicas que se produzem neste período, e que são a correlação de mudanças corporais, levam a uma nova relação com os pais e com o mundo. Isto só é possível quando se elabora, lenta e dolorosamente, o luto pelo corpo de criança, pela identidade infantil e pela relação com os pais da infância. (ABERASTURY, 1981, p. 13)

Anna Freud, citada tanto por Berryman quanto por Aberastury (p. 27), afirma:

[...] seria ‘anormal’ se uma criança mantivesse um ‘firme equilíbrio durante o período da adolescência [...]’. As manifestações adolescentes aproximam-se da formação de sintomas de ordem neurótica, psicóti-

ca ou anti-social e fundem-se quase imperceptivelmente em [...] quase todas as doenças mentais. (FREUD apud BERRYMAN, 2001, p. 259) (grifos da autora)

No entanto, Aberastury (1981) afirma que, investigando-se o processo de criação do artista ou cientista maduro, constata-se que sua obra de maturidade parece ser simplesmente a concretização de intuições e preocupações surgidas na adolescência.

Rappaport (1982, p.), citando Knobel, defende que a necessidade de intelectualizar e fantasiar do adolescente o repara das angústias vividas pelas perdas ocorridas nessa fase, quando nesse plano o adolescente se torna “um construtor de teorias ou de devaneios”. E explica:

[...] não é o mundo que ele quer reconstruir ou salvar, mas é a si que deseja construir e estabilizar. Knobel mostra que este é um dos motivos básicos que leva o adolescente às manifestações artísticas e culturais. (RAPPAPORT, 1982, p. 40)

Uma característica dessa fase da vida é a necessidade que o jovem tem de se sentir parte de um grupo (RAPPAPORT, 1982). A autora (Ibid., p. 39) sustenta que, sendo o adolescente “inseguro quanto ao que é, o grupo serve como um processo defensivo que o ajuda a configurar-se. A uniformidade que o grupo traz lhe atualiza a segurança de saber quem é”.

Ainda sobre essa questão, a autora afirma que:

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

[...] o grupo ajuda o adolescente a sair de casa. O líder ao qual, em geral, primeiro o adolescente se submete e depois tenta derrubar fica como um modelo paralelo de submissão e questionamento dos pais. E o grupo também o ajuda a vivenciar, na prática, o exercício do bem e do mal. (Id., *ibid.*, p. 39)

De acordo com Zagury,

[...] esta fase incendiária e romântica é importante para que o adolescente e o jovem, mais tarde, quando há um equilíbrio emocional maior, se engajem socialmente num trabalho em que a preocupação social coexista com o desejo de realização pessoal, tornando-os cidadãos conscientes, não apenas preocupados com o seu próprio bem-estar, mas com a melhoria e aperfeiçoamento da sociedade como um todo. (ZAGURY, 1997, p. 27)

Em nossa experiência, foi possível verificar que das atividades capazes de proporcionar alento aos adolescentes é no canto coral que ele pode encontrar um grande veículo facilitador de relações interpessoais, de exploração de suas capacidades e de expressão do seu mundo. Uma vez que o adolescente esteja inserido na turma e aceito por ela, a união das vozes pode estimular a percepção do outro dentro do grupo, desenvolvendo no adolescente o senso de coletividade e da preocupação com o todo.

Coelho (2001, p. 17), explicando que vários são os motivos que levam o cantor a fazer parte de um

coral, afirma que “codificar em canção todos esses sonhos e anseios e, a partir da música como experiência estruturada, elaborá-los e colocá-los sob domínio, talvez seja o objetivo mais importante de todo o trabalho com corais amadores”.

A necessidade de inter-relações e a busca do crescimento pessoal (seja através da relação com o outro, seja pela disponibilidade de um ambiente propício à experimentação individual) fazem da atividade coral um meio estratégico bastante fértil para jovens e adolescentes.

A partir da nossa prática percebemos que crianças aceitam com alegria a atividade coral e não costumam questionar a exposição do cantor, a aceitação por parte da sociedade, a repercussão na mídia. Os adultos, uma vez tendo a certeza de suas fontes de prazer, aderem à atividade independentemente de críticas. E os adolescentes, o que pensam da atividade? O questionamento que se segue poderá ajudar na discussão sobre a atividade entre jovens e, se possível, no redimensionamento de procedimentos para atender ao coro juvenil.

Por que alguns adolescentes quebram a barreira do preconceito e se permitem *pele menos* experimentar o canto em grupo enquanto outros acham que cantar é impensável, chegando a considerar a atividade algo que não lhes despertaria qualquer prazer?

O maestro Marcos Leite, na tentativa de explicar as dificuldades de difusão do trabalho coral nos dias de hoje, sentencia: “ninguém sai de casa e toma banho bonitinho depois de um dia de trabalho para assistir

a um coral. Existe o estigma de um negócio antigo, anacrônico, careta, fora de moda” (RODRIGUES, 2002)². Será, portanto, essa resistência dos adolescentes uma herança da barreira dos próprios adultos?

Em nossa prática, observamos que alguns bons jovens cantores têm vergonha de mostrar sua habilidade para os demais colegas. Será essa uma questão urbana, haja vista que nossa experiência se concentra em grandes centros?

Esses mesmos jovens orgulham-se de tocar um instrumento perante os colegas e passam, em razão disso, a ser valorizados por seus pares. Haverá para o adolescente a ideia de que cantar é *só* cantar, enquanto tocar um instrumento é desenvolver uma habilidade?

O que atrai o adolescente ou jovem é a *performance*, e por isso a estética coral tradicional não o seduz? E por fim, cantar em coral é melhor do que assistir à apresentação?

Se, para um adolescente ou jovem, for possível compreender o que é coral, teremos a possibilidade de contribuir com a reflexão acerca do panorama dessa atividade musical, podendo obter assim novos cantores dispostos a experimentar essa prática coletiva.

Embora nosso referencial teórico tenha-se baseado no material bibliográfico (ainda que escasso), no *blog* (descrito a seguir) e nas entrevistas com regentes de coro juvenil, além de nossa experiência prática, nesse ponto da pesquisa recorreremos a outro referencial, no intuito de melhor compreender o que pensam os jovens sobre a atividade coral, à luz da teoria da representação social.

² Texto disponível em: <http://www.samba-choro.com.br/noticias/arquivo/5235>. Acesso em: 20 de março de 2009.

De acordo com Duarte (2000), a teoria da representação social pode ser de grande valia no estudo da educação musical – e, no nosso entender, também numa radiografia do panorama do coro juvenil brasileiro – por fornecer subsídios para a investigação do conceito e das impossibilidades inerentes a essa atividade.

Conforme Rentfrow e Gosling:

[...] sem querer, acabamos associando determinadas características específicas aos fãs, ouvintes e executantes de gêneros musicais distintos, criando estereótipos. Por exemplo, para muita gente, o ouvinte de *jazz* é esnobe e elitista; o fã de música erudita, *careta* e conservador; e o pagodeiro, necessariamente extrovertido e bonachão. Entretanto, nem sempre é assim.

Um estudo recente realizado com adolescentes americanos revelou que alguns estereótipos parecem ser mais estáveis que outros. Por exemplo, enquanto os fãs de música *pop* foram descritos como pessoas atraentes, convencionais e entusiasmadas, os de música erudita foram percebidos pelos adolescentes como bastante artísticos e intelectuais, bem como tradicionalistas e conservadores, pouco atraentes e nada atléticos.

Ainda segundo os adolescentes do estudo, os fãs de *rap* têm porte atlético, são conscientes dos problemas sociais e querem ser reconhecidos socialmente. Já os aficionados de música religiosa, como o *gospel*, são conservadores na política e têm, entre seus valores, a segurança da família, a paz, o amor e, é claro, a salvação. (RENTFROW; GOSLING, 2007, apud ILARI, 2007, p. 74) (grifos nossos)

Se entendermos que a música coral está comumente associada à

música erudita ou sacra, conforme a pesquisa mencionada, não surpreende o fato de ela afastar o adolescente de sua apreciação ou execução. Não combinam com a rebeldia e desejo de renovação do adolescente adjetivos tais como conservador, *careta*, tradicionalista, pouco atraente ou nada atlético!

Nesse sentido, se é objetivo discutir a situação atual dos coros juvenis, é mister que se faça uma pesquisa objetiva desses estereótipos que rondam a atividade. A partir da verificação de sua representação, entendemos ser possível refletir sobre o canto coletivo na adolescência e investir em mudanças para que essa atividade tenha uma melhor acolhida pelos jovens.

Moscovici (1963, p. 251), citado por Wagner (2000, p. 4) resume: “[...] representação social é definida como a elaboração de um objeto social pela comunidade”. Concluímos que, a partir da compreensão desse objeto social, a discussão tomaria outro viés, posto que nossa argumentação se desenvolve pelo ângulo desse grupo social (adolescentes, cantores ou não). Portanto, apenas para esta parte de nossa pesquisa, procuramos respaldar-nos na teoria das representações sociais.

Alves-Mazzotti (2005) sustenta que a pesquisa sob a ótica das representações sociais tem sido extremamente difundida na América Latina, sobretudo a partir da década de 1990. E segue:

Por suas relações com as práticas, por seu papel na formação das identidades, pelas possibilidades que oferece de antecipar hipóteses sobre comporta-

mentos e trajetórias, bem como de identificar conflitos entre os sentidos atribuídos ao mesmo objeto pelos diferentes atores envolvidos nas relações pedagógicas, as representações sociais constituem um instrumental valioso para uma melhor compreensão do ‘fracasso escolar’ das crianças pobres, um passo essencial para a sua prevenção. (ALVES-MAZZOTTI, 2005, p. 1-2)

Por que alguns adolescentes quebram a barreira do preconceito e se permitem pelo menos experimentar o canto em grupo enquanto outros acham que cantar é impensável, chegando a considerar a atividade algo que não lhes despertaria qualquer prazer?

Fazendo um paralelo com essa afirmação, julgamos que a pesquisa através da teoria da representação social pudesse lançar uma luz sobre a atual situação dos corais dedicados aos jovens brasileiros. Esse esforço se deu, justamente, por acreditarmos ser o coro juvenil uma atividade que reúne características importantes para a busca dessa faixa etária.

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

Se entendermos que a música coral está comumente associada à música erudita ou sacra, conforme a pesquisa mencionada, não surpreende o fato de ela afastar o adolescente de sua apreciação ou execução. Não combinam com a rebeldia e desejo de renovação do adolescente adjetivos tais como conservador, careta, tradicionalista, pouco atraente ou nada atlético!

O trabalho *Men's vocal behaviour and the construction of Self*, de Robert Faulkner e Jane Davidson (2004), apresenta estudo sobre a produção vocal de um determinado grupo islandês, por meio da análise de um diário preenchido sistematicamente pelos cantores. Surgiu, a partir desse trabalho, a ideia de oferecer a alguns adolescentes cantores (alunos-coralistas do Colégio São Vicente de Paulo, no Cosme Velho, município do Rio de Janeiro) a proposta de relato através do instrumento que eles dominam no momento: a *internet*.

Foi, primeiramente, considerada a possibilidade de abrir-se uma comunidade no *Orkut* (sítio de relacionamento muito em voga no Brasil na atualidade); mas essa opção foi logo descartada por não englobar todo jovem com acesso à *internet*, uma vez que nem todo adolescente se interessa por esse sítio. Passou-se então a trabalhar com a ideia de um *blog* aberto à visitação, independentemente de adesão a um grupo de cantores³.

Abriu-se o espaço com uma única pergunta para verificar a existência de uma representação de coral construída pelo grupo social dos jovens participantes do *blog*: *o que é coral para você?* Ainda, a inclusão de outras duas informações foi sugerida para caracterizar o grupo de respondentes: a idade e, no caso de coralista, o tempo de participação na atividade.

Seguindo a ideia de utilizar o *blog* para a pesquisa, inicialmente pedimos que os cantores se manifestassem e logo percebemos que as respostas pareciam girar em torno de algo que o regente *quisesse* ouvir ou, pior, que tivesse sido dito nos ensaios. Por esse motivo, decidimos pela inclusão tanto de não cantores como de ex-coralistas.

Foi observado que as pessoas que responderam à pergunta no *blog* puderam ler as outras postagens antes de escrever. Considerou-se, portanto, o risco da influência de postagens anteriores, o que certamente dificultaria a conclusão sobre a existência de uma repre-

sentação social para o coral, entre jovens. Por outro lado, acreditamos que essa identificação com a resposta alheia pode levar-nos a pontos de interesse, se entendermos que ela reforça ainda mais o sentido dado pelos participantes.

Das 29 respostas obtidas no *blog*, a grande maioria é de cantores de coro⁴. Logo numa primeira análise, tornou-se evidente a total importância que esses jovens coralistas dão ao trabalho coletivo.

Eis o que se destaca:

Cantar em coral é desenvolver um trabalho de equipe e, conseqüentemente, responsabilidade e respeito para com os outros coralistas. É, também, estar em contato com pessoas que estão unidas por um interesse em comum e sentir-se devidamente integrado num meio que propõe um trabalho sério e metucioso e, ao mesmo tempo, proporciona um lazer inestimável para aqueles que realmente se identificam com a coisa. Daniel.

Cantar num coro pra mim está além de desenvolver minhas habilidades musicais e vocais, é um momento que tenho uma vez por semana para estar com pessoas únicas e maravilhosas, entrar em uma quase perfeita harmonia com tudo que está a minha volta. Vitor.

Coral é a onde você pode encontrar pessoas muito legais e cantar junto com elas (em grupo)!! Bibi.

Durante muito tempo estive em busca de uma atividade que me fizesse feliz, esquecesse das preocupações

³ Cf. endereço do sítio nas referências bibliográficas.

⁴ Cantores dos corais juvenis do Colégio São Vicente de Paulo – Cosme Velho (RJ).

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

A pesquisa não apresentou resultados seguros para que se possa afirmar se há ou não uma representação social de coral, pelos adolescentes.

fica mais bonita. Não sei se tem o mesmo nome, porém me parece algo semelhante, pelo fato de ter várias pessoas cantando. Cecília.

Imagino (já que não tenho a experiência necessária para afirmá-lo) que deva ser algo prazeroso e bom para despertar em cada um o espírito de grupo. Mariana.

Eu acho coral algo, um tanto diferente, porque assim, são várias pessoas com características diferentes, cantando em harmonia. Luca.

Pra mim coral é uma aprendizagem em conjunto que visa a música. Fernanda.

Os depoimentos dos *não cantores* indicaram uma análise do ponto de vista da *performance*, ficando claro que o processo – a dinâmica da atividade – não estava em questão para esses adolescentes. Reproduzimos abaixo alguns depoimentos de adolescentes que nunca experimentaram a atividade:

Tenho 16 anos e não canto nem nunca cantei em um coral. Eu antigamente tinha realmente aquela típica imagem de um coral. Velhinhas cantando músicas evangélicas em uma igreja. Mas, aos poucos, conhecendo alguns (poucos) corais, percebi que não é bem assim. Não é como se eu tivesse amado corais,

ainda tenho uma imagem meio chata, de pessoas vestidas iguais, o mesmo tom de roupa e músicas, às vezes, um pouco entediante (sic). Coisas que, eu entendo, devem ser importantes para um coral, mas que me remetem algumas vezes aquela velha imagem de igreja. Paula.

Tenho uma impressão ruim de coral. O coral não me parece em geral interessante, senão, na maior parte das vezes, um entediante programa a ser assistido. Nunca participei de um, mas de todos os que eu vi (e foram poucos), apenas um ou dois me agradaram. Acho que o coral pode ser uma experiência positiva em grupo, mas não acho que seja uma preferência para quem queira presenciar um espetáculo (eu, inclusive). Fernanda.

Meu nome é Cecília tenho 17 anos, nunca cantei em coral, só assisti algumas apresentações (...) mas o que mais me encanta são os corais que tem em música clássica. Acho maravilhoso como no Requiem (sic) de Mozart, por exemplo, eu não entendo nada de música clássica, apenas acho lindo. Cecília.

Meu nome é Mariana, tenho 16 anos e nunca cantei em um coral. Admito nunca ter tido vontade e disposição o suficiente para fazê-lo, mas, apesar disso, imagino (já que não tenho a experiência necessária para afirmá-lo) que deva ser algo prazeroso e bom para despertar em cada um o espírito de grupo. Além

disso, é um espetáculo muito bonito visto de fora. Mariana.

Meu nome é Fernanda tenho 14 anos e eu nunca participei de um coral. Apesar disso, desde pequena convivo com música coral pois minha mãe é professora de canto e é preparadora vocal e regente de corais. Acho que por uma convivência obrigatória nunca me interessei por participar, prefiro ficar olhando. Fernanda.

Já para os cantores, foi justamente a dinâmica de ensaio, i.e., o processo da atividade, que mais apareceu nas respostas, ficando a *performance* num plano muito distante numa possível escala de valores.

Alguns respondentes não cantores criticaram a forma das *performances* e a palavra *entediante* apareceu duas vezes, em respostas diferentes:

Tenho uma imagem meio chata, de pessoas vestidas iguais, o mesmo tom de roupa e músicas, às vezes, um pouco entediante (sic). Paula.

O coral não me parece em geral interessante, senão, na maior parte das vezes, um entediante programa a ser assistido. Fernanda.

A pesquisa não apresentou resultados seguros para que se possa afirmar se há ou não uma representação social de coral, pelos adolescentes. No entanto, foi possível obter dados argumentativos que lançam luz à discussão, clareando a visão da situação e apontando possibilidades de solução para o problema. A partir dos dados desta

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

ILARI, B. Em sintonia com o mundo. In: O olhar adolescente: os incríveis anos de transição para a idade adulta. Caminhos da Cognição. *Especial Mente e Cérebro*, São Paulo. n.3, p. 72-79. Edição especial. [s.d.]

OLIVEIRA, Vilson G. *O desenvolvimento vocal do adolescente e suas implicações no coro juvenil "a cappella"*. 1995. Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PEREIRA, A. P. *Arranjo vocal de música popular brasileira para coro a cappella: estudos de caso e proposta metodológica*. 2006. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

RAO, D. *Choral music experience: the young singing voice*. USA: Boosey; Hawkes, Inc., 1987.

RAPPAPORT, C.; FIORI, W.; DAVIS, C. *A idade escolar e a adolescência*. São Paulo: EPU, 1982, v. 4.

ROSA, A. M. D. S. *A construção do musical como prática artística interdisciplinar na educação musical*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação Musical) - Programa de Pós-Graduação em Música, UFBA.

SCHMELING, A. Cantar e conviver: uma experiência com um grupo coral de adolescentes. Associação Brasileira de Educadores Musicais (ABEM), *Anais* 11, Curitiba, 1999.

TAVARES, J.; ALARCÃO, I. *Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem*. Coimbra, Almedina, 2005.

VERTAMATTI, L. R. G. *Ampliando o repertório de coro infanto-juvenil: um estudo de repertório inserido em uma nova estética*. São Paulo: Editora UNESP; Rio de Janeiro: FUNARTE, 2008.

WAGNER, W. Sócio-Gênese e características das representações sociais. In: PAREDES, A. S.; OLIVEIRA, D. C. de (Org). *Estudos Interdisciplinares de Representação Social*. Goiânia: AB, 2000, p. 3-25.

ZAGURY, T. *O adolescente por ele mesmo*. 9. ed., Rio de Janeiro: Record, 1997.

Homepages, sítios, dvds e vídeos

AGENDA DO SAMBA & CHORO. Disponível em: <<http://www.samba-choro.com.br>>. Acesso em: 18 de março de 2009.

CANTO CORAL. Disponível em: <<http://pccantocoral.blogspot.com>>.

LECK, H. *The boy's changing voice: expanding*. Hal Leonard Corporation, 2001. Vídeo.